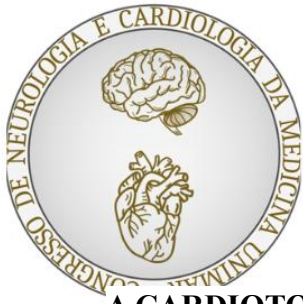




X NEUROCOR

VI PRÊMIO CUSHING PAZZANESE

A CARDIOTOXICIDADE INDUZIDA PELA ANTRACICLINA: ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E MANEJO EM PACIENTES ONCO-PEDIÁTRICOS

Júlia Pauli De Cól¹; Caroline Sollis¹; Estevão Domingues Moraes¹; Fernanda Moris Pompeu;
Gabriel Magno de Carvalho¹; Fátima Pauli de Cól².

1- Discente da Universidade de Marília. Marília, São Paulo.

2- Coordenadora do Centro de Reabilitação da Unimed, Marília - SP.

INTRODUÇÃO: O avanço no tratamento oncológico pediátrico aumentou a sobrevida dos pacientes, contudo, evidenciou uma grave sequela – a cardiotoxicidade, induzida por quimioterápicos, especialmente as antraciclina. Essa toxicidade pode se manifestar de forma precoce ou tardia, acarretando a disfunção ventricular, insuficiência cardíaca e arritmias. Desse modo, a crescente atenção à cardio-oncologia pediátrica ressalta a necessidade de um manejo preventivo e terapêutico eficaz. **OBJETIVO:** Este estudo revisa as principais estratégias farmacológicas e de monitoramento para a prevenção e o manejo da cardiotoxicidade em crianças e adolescentes tratados com antraciclina, com foco na melhora de seu prognóstico a longo prazo. **METODOLOGIA:** Foi realizada uma revisão narrativa de literatura, buscando artigos originais, revisões sistemáticas e consensos publicados entre 2020 e 2025 nas bases de dados PubMed, Scopus e LILACS. Os descritores MeSH utilizados foram: "Cardiotoxicity", "Anthracyclines", "Medical Oncology" e "Pediatrics". Os critérios de inclusão abrangeram estudos que abordam o uso de cardioprotetores, o papel do monitoramento ecocardiográfico e de biomarcadores – Troponinas e Peptídeo Natriurético Cerebral (BNP) – e o uso de terapias para a disfunção ventricular. **RESULTADOS:** A análise da literatura confirmou que o uso de Dexrazoxano é uma estratégia eficaz para a prevenção da cardiotoxicidade. Assim como, o monitoramento ecocardiográfico seriado, com foco na avaliação da deformidade miocárdica - Strain Rate, demonstrou ser uma ferramenta sensível e precoce na detecção de disfunção subclínica, superando a ecocardiografia tradicional. Ademais, a dosagem seriada de biomarcadores emergiu como um método promissor para identificar pacientes de alto risco. No manejo da disfunção já estabelecida, o uso de Inibidores da Enzima Conversora de Angiotensina (IECA) e Betabloqueadores em baixas doses se mostrou benéfico para reverter

ou atenuar o dano miocárdico, consequente à terapia quimioterápica. DISCUSSÃO: A combinação de terapias cardioprotetoras com monitoramento avançado pode permitir a detecção de danos cardíacos antes que se tornem clinicamente evidentes, possibilitando uma intervenção precoce. A aplicação desses protocolos não apenas visa preservar a função cardíaca, mas, também, contribuir para a redução da morbidade e mortalidade a longo prazo, garantindo que os sobreviventes do câncer pediátrico possam viver com mais qualidade. A integração de equipes multidisciplinares é fundamental para implementar essas estratégias e adaptar o tratamento de acordo com o risco individual de cada paciente. CONCLUSÕES: A prevenção e o manejo proativo da cardiotoxicidade em pacientes pediátricos submetidos à quimioterapia com antraciclinas, através do uso combinado de agentes cardioprotetores e do monitoramento rigoroso via técnicas ecocardiográficas avançadas e biomarcadores, representa uma abordagem promissora para a cardio-oncologia pediátrica. Assim, a implementação de protocolos que integrem essas estratégias deve ser uma prioridade nos serviços de oncologia, com o objetivo de otimizar o prognóstico a longo prazo desses pacientes. PALAVRAS-CHAVE: Cardiotoxicidade; Antraciclinas; Pediatria; Oncologia.